



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

#### SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*Garcia da Orta e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas;—*Os amores de Luiz XIV*, por Alberto Pimentel;—*A Castellã*, conto, por A. Z. A.;—*Fragmento de um poema inédito*, versos, por Eça de Almeida;—*A Sociedade de S. Petersburgo (O imperador da Russia)*, pelo Conde Paulo Vasili;—*Soror Anna*, conto, José Maria da Costa;—*As nossas gravuras*;—*Em familia*. (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*Um baptismo chyngelez*, por Alfredo Gallis.

GRAVURAS:—*O conselheiro Jacintho Augusto de Freitas Oliveira*;—*Petko Haraveloff*, *Dragan Zankoff e o bispo Clément*;—*O amor encarcerado*;—*Serpa Pinto nos desfiladeiros do Drakensberg*;—*A igreja do Santo Sepulchro*.

outro, e em que só anda a pedir chuva quem o faz por vicio.

Refiro-me ao inverno que determina a debandada nos bosques e nas praias, e cuja aproximação se nos accusa, não tanto pela intemperie, como pela abertura dos theatros, pelos *debutes*, pelas *premières*, por toda a casta, emfim, de divertimentos e de gallicismos.

E' tambem por este tempo que expludem os casos espantosos que, durante o verão, incubam no ventre sagrado dos *reporters*.

E' uma quadra desgraçadissima em que, por mais parteira que uma pessoa seja, está sempre em risco d'i:

#### CHRONICA

—Sua excellencia o inverno.

E é com desgosto que lhes apresento este sombrio personagem que ha dias me visitou, encharcando-me, e que logo depois veio de novo ao meu encontro, malgrado a regata de Cascaes, onde, para dizer-lhes a verdade, eu tinha muito que fazer. Namoros, evidentemente.

Pois não passei de Paço d'Arcos. Nem eu, nem tu, minha interessante leitora. Isso bastou, comtudo, para que trahisses no delicado rosto um susto monumental, o que—vê bem como eu sou franco—me revellou ainda sob um aspecto novo a tua formosura, bastante já para enlouquecêr... um louco. E enquanto ao longe o Tejo espumava enraivecido na linha dos cachopos, agitando no dorso irregular o nosso barco voluvel, tu, que tinhas medo do Tejo, mais d'uma vez apoiaste esse teu busto adoravel d'encontro ao meu coração, que tinha medo de ti, ao vêr-te assim desmaiada.

Não me abalanço a dizer qual seja mais temivel, se tu, se o Tejo. O mais medroso era eu. Mais medroso, e mais feliz...

Sempre lhes digo que, quando fallo do inverno, não me refiro positivamente ao das folhinhas, que vem a começar n'uma epocha em que já muitos andam fartos do



JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS OLIVEIRA



parar, com todos os demonios, ao seio da celebridade.

E' como acaba de succeder. A policia, auxiliada pela imprensa do tribunal augusto, mais uma vez demonstrou a extraordinaria e decantada habilidade que possui, para descobrir filões auriferos que, mediante processos muito communs, derivam, sem maior difficuldade, ali para os lados da Bôa-Hora, onde os pachydermes se refastelam em digestões hediondas que os não saciam nunca, porque lhes abrem sempre o appetite.

D'esta vez especularam com a deshonor e com a miseria. Agitaram soffregamente as immundicies de um pantano, e, se alguma cousa de lá colheram susceptivel ainda de aproveitamento, não foi de certo para o redimirem, foi simplesmente para o venderem. Pois de que serve a *fiança*?

Prendam agora as parteiras, que, para casos d'aborto, já ellas são perfeitamente dispensaveis. D'alguma cousa haviam de servir as narrações circumstanciadas que por ahí fizeram. Já todos sabem como a operação é feita.

E para isto foi necessario que uma auctoridade respeitavel, o proprio commissario geral, simulasse casamento com uma das criminosas e, mediante essa burla plagiada, lhe invadissem a alcova!

Sua ex.<sup>a</sup> n'essa occasião, em rigor, não representava uma auctoridade. Representava, pouco mais ou menos, um Soriano.

Resta-nos ver se, depois da escandalosa celeuma que se levantou contra o feticidio, o governo se esquece de defferir a pretensão do *Diario Illustrado*, que na gazetilha implora a Torre e Espada para as corajosas senhoras que, apesar de tudo, estão dando á luz robustos meninos nas columnas esquipaticas do *High-life*.

E' uma pretensão naturalissima e, por isso mesmo, singularmente attendivel n'estes tempos em que tudo aborta.

E não se esqueçam d'aquella interessante joven de 11 annos, que pediu licença, não sei a quem, para casar com o pae de seu filho. Esta merece mais do que a Torre e Espada; merece, pelo menos, dois açoites.

Emfim, deixemos, isso. Porque demorar a vista n'esse tristissimo episodio, se, a dois passos de nós, a nossa vizinha Hespanha nos offerece o spectaculo mais alegre e mais civilizador que ultimamente tem agitado a Europa?

E' que não ha nada como o olhar de uma creança para nos desdobrar no espirito a idéa do amor, e não ha nada como um coração de mãe para colher mysterios no olhar de uma creança.

Em torno do pequenino Affonso XIII esvoaçam agora os jubilos d'aquelles desgraçados que o conselho de guerra condemnava á morte, ergue-se a Hespanha n'um protesto unisono de gratidão, e o throno vacillante sente-se emfim protegido pela admiração sincera do mundo inteiro.

Cumprida que fosse a barbara sentença, cahiriam para sempre na valla dos communs uns tantos revolucionarios, mas d'aquelles corações incendiados brotariam ondas de sangue, que iam decerto encapellar-se de encontro ao berço do monarcha, difficultando-lhe os passos, talvez até submergindo-o!

Bem haja pois a rainha que lançou o arrependimento no espirito dos criminosos, poupando o futuro de seu filho a represalias sanguinolentas. Aconselharam-lhe vingança; pediu clemencia. E venceu, porque é difficil dobrar a vontade de uma rainha, e não é menos difficil endurecer um coração de mãe.

E depois, como deixar de attender a voz sympathica d'aquella heroica filha de Villacampa? Como arrancar d'aquelle espirito incansavel a teimosa esperanza que o animava na lucta verdadeiramente sublime que havia comprehendido?

A clemencia regia, salvando o pae, salvou decerto, simultaneamente, a filha, porque é difficil imaginar que uma alma tão ardente nos affectos se podesse adaptar ao desespero.

Para gelar um coração d'aquelles é necessario um resfriamento profundo, o resfriamento da morte.

Ao mesmo tempo que na Hespanha, patria de todos os absolutismos, se dava aquelle extraordinario exemplo de progresso, dava-se em França, patria de todas as liberdades, um vergonhoso exemplo de barbaridade antiga.

Ao mesmo tempo que na Hespanha, em nome de uma creança, eram indultados cinco inimigos perigosos, guilhotinavam na França, em nome de Grévy, de um velho, dois miseraveis por quem a sociedade não perguntava já e cuja morte ficava perfeitamente na sombra de qualquer presidio.

As cabeças de Frey e de Rivière cahiram pomposamente na praça da Roquette, e a multidão que ali concorreu retirou-se encantada do spectaculo, assobiando talvez a Marselheza.

Esta phantasia de expor aos olhos do mundo a bandeira tricolor, nas iminencias de um cadafalso, não lhe fica lá muito bem, sr. de Grévy. A não ser que nos queira inteirar de como a gente com a idade se vae fazendo... esquisito.

Esta palavra—esquisito—fez-me lembrar de Galeote.

Galeote é hoje tambem um homem celebre. A fama que actualmente o cerca e lhe garante a attenção do mundo embasbacado, conquistou-a elle mediante uma façanha aliás facilima de levar a cabo, quero dizer, assassinando o bispo de Madrid, de quem já agora poucas pessoas se lembram.

Galeote executou o bispo, a quem votara um odio, como se viu, mortal, e resta-lhe quasi a certeza de que nem por isso hão-de executal-o a elle. O carrasco hespanhol pode continuar a embriagar-se livremente na espelunca predilecta, que o seu horrendo mister não terá d'exercer-se sobre a cabeça do padre, com o que muito folga a civilização da peninsula.

Com o que porém ninguem folga é com a razão já usada que deve proteger as relações essenciaes entre a cabeça e o pescoço de Galeote, relações estas que chegaram mesmo a estar sensivelmente compromettidas.

Vão dar o padre por doido, vão encerral-o n'um hospital, vão fazer-lhe a mesmissima cousa que entre nós é habito fazer-se a todas as pessoas que, ainda que não seja por muito bonitas palavras, exigem passaporte para as possessões africanas.

Uma semsaboria.

E são comtudo extremamente concludentes as provas que os medicos adduzem em favor da loucura de Galeote.

E' microcephalo, o diabo do homem. E' descendente directo de uma raça em que ha idiotas de todos os calibres, e manifesta claramente a sua obediencia aos principios da familia, não só dando cabo de uma pessoa como quem vae de caminho, como tambem ostentando na bocca, por onde sae tanta tollice, nem mais nem menos, de quatro dentes de sizo.

Esta dos dentes do sizo poz o juizo a arder áquelles pandegos dos medicos!



## GARCIA DA ORTA E O SEU TEMPO

## II

Foi com verdadeiro prazer que encontrei no sr. conde de Ficalho um auxiliar intrepido e convicto para a campanha que empreendi na minha *Historia de Portugal* contra os pseudo-criticos, que tratam os nossos conquistadores da India como uns piratas sem fé nem lei, porque praticavam no Oriente actos de brutalidade, de violencia e mesmo de rapina, que as nossas idéas modernas profundamente condemnam. O assassinio do principe de Hormuz, praticado em presença e por ordem de Affonso de Albuquerque, o de Bahadur Schah e outros actos d'este genero bastam aos desdenhosos historiadores medernos, ou que assim se intitulam, para condemnar os nossos antepassados, considerando-os como um bando de assassinos, a vergonha da Europa, e a deshonra da civilisação.

Ora é necessario primeiro que tudo avaliar os homens não segundo as idéas do tempo em que vivemos, mas segundo as idéas do tempo em que elles viveram. O Bluntschli d'esse tempo era Machiavello, o codigo politico era o *Principe*, a politica italiana era admirada e seguida como a mais habil de todas, e a *razão de Estado*, sempre e em todos os tempos omnipotente, bastava para desculpar os crimes uteis. Henrique III mandava, já em epocas posteriores, assassinar o duque de Guise nos Estados de Blois, sem que essa medida violenta parecesse criminosa. Condemnemos a epoca, estigmatizemos essas aberrações moraes, mas não fulminemos os nossos antepassados, ao passo que absolvemos os Italianos e os Francezes. Por muito tempo ainda a razão de Estado serviu aos mais notaveis soberanos para justificar verdadeiros crimes. Não passa por uma grande rainha Isabel de Inglaterra? Ha nada comtudo mais infame do que o procedimento que ella teve com Maria Stuart, a rainha proscripta, que lhe vem pedir hospitalidade, que ella recebe com palavras de affecto, e que logo em seguida a encerra no castello de Fotheringay, onde a manda matar sem que possam attenuar o horror do crime as formulas irrisorias de um processo absurdo?

Os portuguezes do seculo XVI não pensavam evidentemente como se pensa no seculo XIX, e não é profundamente comico ver os modernos escriptores condemnar o saque dos pagodes indianos feito pelos portuguezes n'essa epoca em que nos centros mais civilizados da Europa o saque se considerava o complemento legitimo da tomada de qualquer praça! Pois a cada instante se encontra na historia européa a noticia do saque das cidades italianas pelos Francezes de Carlos VIII e Luiz XII, e os nossos aventureiros é que hão-de ser condemnados por terem saqueado os pagodes indianos! Mil vezes mais atroz é o saque posto ao Palacio de verão do imperador da China pelas tropas francezas do general Montauban, porque esse acto é que está em perfeita contradição com a moral do nosso tempo, e comtudo, se a imprensa clamou contra esse acto de bandoleirismo, esses clamores não impediram o governo francez de dar ao general Montauban todas as provas de consideração e de o fazer conde de Pali-Kao.

Martim Affonso de Sousa é um dos homens mais condemnados pelos analyistas modernos da nossa historia indiana, e é certo que na questão de Meale deu elle prova de muito pouca lisura, segundo as idéas modernas, mas o sr. conde de Ficalho mostra que não procederam melhor do que elle estrangeiros celeberrimos como o inglez Warren Hupstings e o francez Dtaleix, e esses viveram n'um seculo em que havia uma delicadeza de sentimentos muito mais apurada do que no seculo XVI.

Diz o sr. conde de Ficalho e com perfeita razão, que está por escrever uma historia interessantissima que é a historia da probidade, porque tem esta palavra tido tão diversas interpretações que valia bem a pena estudar a sua transformação. Quem é o homem por exemplo que não acharia hoje extremamente deshonroso receber dinheiro das suas amantes? O homem que assim procede tem em Francez um sobrenome ignobil, que, depois da peça de Dumas filho, foi substituido por este euphemismo *monsieur Alphonse*. Pois no seculo XVI era isso perfeitamente corrente e aceitavel. Alexandre Dumas pae, que nos seus romances historicos atropella muita vez a verdade dos factos, mas respeita sempre o character da epoca, Alexandre Dumas pinta-nos nos *Mosqueteiros* os seus heroes quasi sustentados pelas amantes, e não faz senão applicar a personagens de phantasia idéas e acções a que se referem sem o minimo rebuço as chronicas do tempo.

Ainda no seculo XVIII estava longe de se considerar esse caso deshonroso. O barão Pruck conta muito ingenuamente nas suas *Memorias* que vivia brilhantemente em Berlim, graças ás liberalidades da princeza de quen: era amado. «Era felicissimo em Berlim, diz elle, debaixo de todo o ponto de vista; era estimado e considerado; o meu rei aproveitava todas as occasiões de me mostrar a sua benevolencia; a minha boa amiga dava-me mais dinheiro do que aquella de que eu precisava, a minha equipagem em summa era a mais elegante da moda (1)

(1) *Memorias do barão Tronck escriptas por elle mesmo*, pag. 24 da tradueção ingleza, edição de 1886.

Isto justifica perfeitamente a observação do sr. conde de Ficalho. Está ainda por escrever a historia da probidade.

A physionomia de Martim Affonso de Sousa está excellentemente pintada no livro que analysamos. Salta-nos da tela aquelle Portuguez da Renascença, fidalgo até á raiz dos cabellos, instruido, communicando a Pedro Nunes o resultado das suas observações nauticas, irrequeto e indisciplinado, orgulhoso, gastador e valente como as armas; indo consolar-se para o Brazil e para a India da declinação do seu valimento na cõrte, fazendo opposição a D. Manuel a favor do principe herdeiro, e correspondendo com labio desdenhoso e sorriso ironico á ingratição de D. João III que não sabia pagar as dividas do principe real, cercado sempre de uma *coterie* partidaria, a que na India chamavam «a liga de Martim Affonso», e que se compunha de um bando de rapazes fidalgos e valentissimos que acompanhavam sempre o seu patrono ás emprezas mais arriscadas. Era este o homem que Garcia da Orta acompanhou para a India, e que teve assim a gloria de conduzir para o Oriente o grande missionario da sciencia—Garcia da Orta, e o grande missionario da fé—S. Francisco Xavier.

O sr. conde de Ficalho, seguindo um processo que se deve considerar elementar, mas que é pouco seguido entre nós, estudando um periodo do dominio portuguez na India, não se limitou á leitura dos nossos livros, mas estudou a India d'esse tempo nos monumentos historicos arabes ou indigenas, vistos atravez das traducções inglezas, já que desceu de tal forma o nivel dos estudos em Portugal que o sr. conde de Ficalho debalde procuraria em Lisboa um orientalista qualquer que o auxiliasse nas suas investigações.

Seguiu portanto o sr. conde de Ficalho os verdadeiros methodos historicos: estudou o theatro da acção, e estudou os personagens que figuraram n'essas espectaculosas peça, os portuguezes nas chronicas e tanto quanto possivel nos documentos mais familiares que melhor ideia lhe podiam dar do seu character, os indios e os arabes em Ferikta, ou nos escriptores inglezes que escreveram á vista dos documentos originaes, taes como Elphinstene e Tennant.

O theatro da acção descreve-o o sr. conde de Ficalho excellentemente n'um dos capitulos que se intitulam *Malabar*. A sua qualidade de homem de sciencia facilita-lhe muito a tarefa, e esse capitulo do *Malabar* constitue uma leitura indispensavel para os que hoje queiram estudar conscienciosamente a historia da conquista da India. O phenomeno das monções, que desempanha um papel tão importante nas operações militares dos portuguezes, é exposto com perfeita precisão, e o solo do Malabar, com os seus rios curtos e caudalosos, com o seu terreno alagado, os seus esteiros e as suas lezirias, segundo a phrase de João de Barros, explica-nos tambem as acções heroicas dos portuguezes, a possibilidade d'aquelles combates homericos de quarenta contra mil. Não se conhecendo bem o terreno do Malabar, a cada instante cortado de rios e de esteiros, com os seus jungles intrincados, parecem fabulosas as façanhas de Duarte Pacheco; mas conhecendo-se a topographia dos campos de batalha em que os nossos pelejaram, admira-se a tenacidade e o brio dos soldados, e admira-se ainda mais a tactica do general que soube aproveitar habilmente para a resistencia e para a lucta a disposição do terreno.

Estudado o campo da acção, passa o sr. conde de Ficalho a estudar os personagens que ali encontraríamos, e o seu pittoresco pincel sabe logo nas primeiras linhas apresentar-nos aquelle mundo variegado que se agita em torno dos conquistadores. Veja-se por exemplo esta descripção de um bazar de Diu:

«No emtanto o nosso Garcia da Orta andava *oucioso*, como elle proprio nos diz, e entretinha-se em observar «a opulencia e trato d'essa cidade», visitando particularmente o bazar, o obrigado ponto de reunião das terras orientaes. Interessante devia ser esse bazar de Diu «hoolgar de mór trato», que então havia por aquellas partes, ao qual concorriam os mercadores de todo o Oriente. Podemos imaginar quanto seria animada a scena nas estreitas ruas do bazar, onde sob um céu implacavelmente azul feridos pelo sol vivo, se cruzavam os mais variados e pittorescos trajos e figuras; banianes prudentes e circumspectos, incapazes de matar uma mosca, desviando-se para não pizarem uma formiga, emprestando dinheiro a dez por cento ao mez, vestidos em largas camizas de seda ou de algodão, com os turbantes collocados sobre os cabellos negros, atados em trunfa, ornados de flores cheirosas, ricos mercadores persas de Schiras ou de Éassora, trajando opulentas cabayas de famoso brocado tecido em Bagdad, beduinos magros chegados de Aden com os seus finos cavallos de Yémen envolvidos nos burnous claros de lã grossa; montañezes do Afghani-stan, incultos e arrogantes, com as barbas negras e hirsutas, escondendo quasi os rostos bronzeados, mahratas descidos dos seus inacessiveis Ghattes septemtrionaes, selvagens e semi-nús; turcos soberbos, com os seus altos turbantes, seguidos de pagens, levando nas mãos os seus terçados guarnecidos de oiro; brahmanes de Surate ou de Cambaya, sobraçando os alvissimos pannos de fino algodão, trazendo ao peçoço os mysteriosos fios, signal da raça privilegiada; yogis mendicantes intrusos e fanaticos, descarnados como espectros; soldados da armada fugidos por um momento aos trabalhos da fortaleza, de espada á cinta, buscando aventuras; musulmanas escondidas



didadas sob os largos véus escuros, que permitem apenas entrevêr o brilho dos olhos negros, alongados pelo antimonio; bailadeiras apertadas nas saias estreitas, os ventres nus e os pequeninos peitos turcos apenas cobertos pelos corpetes bordados, deixando atraz de si como um rasto o vago perfume do sandalo, e o tilintar proveniente das manilhas de prata.

Todas as côres e todos os cambiantes, desde o preto retinto do abexim, chegado de fresco de Massouah, até ao tom claro, fino, levemente doirado da nobre senhora hindéz. Todas as linguas cruzando-se em uma especie de Badel moderna, desde o arabico e o persiano, o guzarati e o mahralti até ao tamil dos malabares do sul, á lingua branca do Mediterraneo, fallada por algum judeu maughrabino ou algum veneziano disfarçado e ao legitimo portuguez dos soldados, trocando dichotes em vernacula giria de Alfama ou da Ribeira das Naus. Expostos á venda os mais variados productos, as sedas da China, os côcos, a areia, o gengibre, o sandalo e a pimenta do Malabar; os beirames e baetilhas de Chaul e Dábul; os chamalotes de seda e os pannos de algodão da propria Cambaya; o trigo, o gergelim e o opio tambem da terra; o coral, o arsapão e as aguas rosadas de Aden e da Meia; os tapetes e os carmezins da Persia; todas as tintas e todos os perfumes misturando-se na pittoresca confusão do bazar indiano.»

Como vêem, o quadro é traçado por mão de mestre, e pode-se imaginar bem que formosas telas historicas saberá desentranhar do seu admiravel assumpto, pintor que tem assim mão segura, olho perspicaz e palheta bem provida. No decurso d'estes rapidos estudos teremos occasião de mostrar ao leitor que nos não engana effectivamente este quadro posto por assim dizer á porta em guisa de taboleta.

PINHEIRO CHAGAS.

## OS AMORES DE LUIZ XIV

Luiz XIV, *Le roi soleil*, perlustrou triumphalmente um longo zodiaco amoroso, deixando a perder de vista o proprio sol, que se contenta com doze signos apenas!

Estreitou-se no amor, ao alvorecer da vida, fazendo a côrte a madame de Frontenac. Depois borboleteou para a duqueza de Chatillon, concorrendo com o duque de Nemours e o grande Condé. Mariposa inquieta e voluvel, *flanou* um pouco em torno de mademoiselle d'Heudecourt, sem todavia deixar de ser fragil com a sua *instructice*, madame Beauvais, que, segundo o testemunho de Saint-Simon, era velha e zanagal!

Todas estas creancices do coração do joven Luiz XIV foram o prologo indeciso de uma verdadeira paixão de adolescente, que lhe inspirára Olympia Mancini, sobrinha do cardeal Mazarino.

Em todas as festas da côrte, nos bailes e no *carrousel*, o rei revelava-se por tal modo enamorado da bella Olympia, que acabou por expor-se aos golpes da musa satyrica de Loret. Durou dois annos esta paixão, até que Olympia Mancini casou com o principe Eugenio, conde de Soissons. O rei não sentiu muito o casamento de Olympia, porque a esse tempo já a sua attenção estava voltada para mademoiselle de la Motte d'Argencourt, *filie d'honneur* da rainha mãe.

O cardeal Mazarino tinha ainda mais duas sobrinhas para metter á cara do rei, irmãs da outra; eram Hortensia e Maria Mancini. O rei parecia preferir Maria a Hortensia. E o cardeal, para fazer esquecer a Luiz XIV mademoiselle de la Motte, que teve de recolher-se ás *Filles de Sainte Marie* de Chaillot, procurou distrair o rei com uma jardineira, que lhe deu uma filha. Esquecido de mademoiselle de la Motte, e saciado da jardineira, o rei adolescente voltou-se então, como o cardeal esperava, para Maria Mancini.

Esta nova paixão de Luiz XIV parecia ainda mais intensa do que aquella que elle havia experimentado por Olympia, irmã de Maria.

A rainha mãe inquietou-se, suspeitando que Mazarino tivesse o fim reservado de fazer casar a sobrinha com o rei. Contrariando-lhe o plano, tratou de casar Luiz XIV, e recahiu a eleição na princeza Margarida de Saboya. Philippe IV deu-se pressa em estorvar este casamento, e venceu, porque o rei veio a casar com a princeza hespanhola Maria Thereza.

Era preciso arrancar do coração de Luiz XIV a imagem de Maria Mancini, que foi obrigada a retirar-se da côrte.

O rei chorára no lance cruel da separação, e Maria teve ao despedir-se esta phrase notavel:

—*Oh! sire, vous êtes roi! vous pleurez, et je pars!*

De feito, o rei distraiu-se menos mal, porque a sua noiva, Maria Thereza, não lhe desagradou... a principio.

Mas, passada a lua de mel, Luiz XIV começou a galantear sua cunhada, Henriqueta de Inglaterra, mulher do duque de Anjou.

A fim de colorir as assiduidades do rei, e de salvar a situação, que era escandalosa, pozeram-lhe em evidencia mademoiselle de la Vallière, *filie d'honneur* de Henriqueta, uma candida loira

de dezeseite annos, a quem o rei havia inspirado uma profunda paixão, de que ella não conseguiu guardar tanto o segredo, que uma noite, em Fontainebleau, não emittisse a opinião de que era Luiz XIV o mais gentil homem da França.

O rei, fascinado pela candura amorosa de Luiza la Vallière, teve para com ella requintes de galanteria, tal como o de haver abandonado todas as damas da côrte, durante um passeio que foi aguido por fortes chuviros, para se aproximar de Luiza.

O amor fizera de Luiz XIV poeta—comquanto um mau poeta, segundo a opinião do marechal de Grammont... e a nossa.

Um dia o rei, n'aquelle seculo de madrigaes e *bouquets*, enviou a Luiza um *bouquet* e um madrigal:

Ide, florinhas, vêr meu terno objecto,  
Ide morrer nas mãos da minha bella.  
Invejam-vos a sorte em seu affecto  
Mil amantes que morrem longe d'ella.

Diz Alexandre Dumas que o rei, tendo tomado gosto á poesia, pensara, na sua omnipotencia, que para ser poeta bastava querer sel-o. Foi decerto assim, porque Luiz XIV compoz um segundo madrigal em honra da la Vallière:

Dar-vos-ia pena a ausencia,  
Goso o regresso daria  
D'aquelle a quem vosso rosto  
Enche de amor e de gosto  
E que morre de impaciencia  
Se vos não vê um só dia?

O coração de Luiza respondeu em genitivo,—pelo mesmo caso da pergunta:

Eu sinto um prazer sem fim  
Pensando em vós noite e dia.  
Vivo em vós mais do que em mim.  
Amar-vos é meu cuidado,  
Dia e noite prolongado.  
Prazer que possa sentir  
Quem o seu amor não vir  
Não é prazer, antes dôr  
D'um roubo feito ao amor.

Luiz XIV estava ainda na sezão do verso, que é o prologo da conquista. Por isso, insistiu na metrificacão:

Quem eu amo em segredo ninguem sabe.  
Rio de quem se deita a adivinhar.  
Fallem o que fallar,  
Este segredo, se o desvenda alguém,  
E' ella, e mais ninguem.

Mas ou porque o desgostasse a critica do merechal de Grammont ou porque a musa lhe fosse menos docil do que Dangeau, foi a Dangeau que elle encarregou de redigir em prosa as cartas que enviava a Luiza, nem menos de duas ou tres cada dia.

La Vallière, precisando responder immediatamente ás cartas do rei, escolheu um secretario, recahindo a esco'ha em Dangeau, que soube manter a mais absoluta reserva entre os dois amantes.

Quando o rei e Luiza confiaram um ao outro este segredo, o rei ficou encantado da discrição de Dangeau, que teve o premio da sua honrada lealdade.

A paixão de Luiz XIV por Luiza de la Vallière causou a desgraça de dois homens: a queda de Nicolau Fouquet, ministro das finanças, que se havia enamorado de Luiza, e a morte do marquez de Bragelonne, que se apaixonára por ella e que, sabendo-a amante do rei, se desesperára de viver, fornecendo a Alexandre Dumas o dramatico assumpto de um dos seus mais bellos romances.

Luiz XIV era ciumento. Reconhecendo que mademoiselle de Montalais era a confidente de Luiza, e suspeitando que a Montalais havia favorecido a paixão do marquez de Bragelonne, prohibira Luiza de receber a sua confidente. La Vallière não obedeceu inteiramente ao rei, porque tinha necessidade de confiar a alguém os segredos da sua felicidade. Luiz XIV soube-o. Então a primeira tempestade amorosa explosiu, e a La Vallière, julgando-se abandonada, fez-se conduzir ás Carmelitas de Cnaillot.

Não podia ella resignar-se á ideia de perder o amor d'aquelle homem, em quem menos a seduziam as pompas da realteza do que os attractivos pessoaes. Ou ser amada por elle ou morrer para o mundo: eis o dilemma da sua vida.

Luiz XIV partiu immediatamente á procura da fugitiva, que fez installar sumptuosamente no palacio Brion, se bem que a amantissima Luiza pretendesse esquivar-se sempre ás ostentações da côrte.

A 22 de outubro de 1666, mademoiselle de la Vallière deu á luz uma filha do rei: Anna Maria de Bourbon, que foi legitimada, e que veio a desposar o principe de Conti.

Seis mezes depois, *toujours malgré elle*, escreve Dumas, recebeu o titulo de duqueza,

A 2 de setembro do anno seguinte, Luiza de la Vallière deu á luz um segundo filho, que teve o nome de Luiz de Bourbon, e o titulo de conde de Vermandois.



PERSONAGENS BULGAROS



PETKO KARAVELOFF



DRAGAN ZANKOFF

O rei-sol principiou a sentir-se enfastiado da pobre Luiza, cuja frescura juvenil o amor havia crestado. Duas mulheres comprehenderam o que se passava no coração do rei: a princeza de Monaco e a marqueza de Montespan, que, sendo mademoiselle de Tonnay Charente, recebera pelo seu casamento o titulo de que usava.

Com uma differença: a Montespan fôra mais astuciosa do que a princeza de Monaco e, para se aproximar do rei, aproximara-se da duqueza de la Vallière.

Não gastaremos tempo em contar como um tão voluvel rei se enamorou da Montespan, que era uma mulher de espirito, esquecendo a la Vallière, que só tinha a recommendal-a o seu amor.

Não restava duvida. A Montespan havia succedido á la Vallière no coração do rei, e a pobre Luiza, desde que perdera o amor de Luiz XIV, só pensára em fugir ao mundo, recolhendo-se em 1672 pela segunda vez a Chaillot.

Luiz XIV não correu pessoalmente a dissuadil-a, como da primeira vez; enviára Colbert.

Mas a dedicada Luiza não podia supportar na côrte o excruciante supplicio do seu abandono.

Dois annos luctou para arrancar ao rei a auctorisação de recolher-se definitivamente a um convento. Finalmente podera entrar nas Carmelitas de Paris, despedindo-se do rei por um soneto que já tivemos occasião de publicar n'este mesmo periodico, despedindo-se dos seus dois filhos, pedindo perdão á rainha, e entregando-se a uma vida de austera penitencia. Tinha trinta annos. Professara, tomando o nome de Luiza da Misericordia. Trinta e cinco annos viveu reclusa e penitente, fallecendo a 6 de junho de 1710. Assim se apagára no silencio austero do claustro o ultimo perfume da modesta violeta do amor.

Das ligações do rei com a Montespan nasceram seis filhos duplamente adulterinos, que, não obstante, foram reconhecidos.

A saciedade chegára, e d'esta vez ninguem poderá dizer que fosse cedo.

Então Luiz XIV lançou-se em ephemeras aventuras com madame de Soubise, com madame de Ludre, até que se enliçou por mais algum tempo nas tranças douradas de mademoiselle de Fontange, uma loira muito loira e muito fria, que tivera a alcunha de *estatua de marmore*, e que, depois de ser mãe, se recolhera a um convento, onde fallecera na flôr dos annos.

Finalmente, o rei-sol acabara por tropeçar na conquista da viu-

va Scarron, madame de Maintenon, com quem, fallecida a rainha Maria Thereza, viera a casar secretamente. Luiz XIV tinha então quarenta e sete annos e madame de Maintenon, cincoenta e dois!

O rei fizera-se velho, triste, era o homem mais *inamusable* da França, segundo a expressão de madame de Maintenon, que em vão se esforçava por distraill-o.

No 1.º de setembro de 1715 morria.

O enterro de Luiz XIV realizara-se á socapa, ficando as suas visceras em Notre-Dame, e sendo o seu corpo enviado, atravez do bosque de Bolonha, para S. Diniz. A plebe tripudiava cantando canções grosseiras: que o rei estava em S. Diniz como em Versailles, sem coração e sem entranhas.

Todavia Luiz XIV havia sido a personificação do seu seculo.

ALBERTO PIMENTEL.

A CASTELLÃ

O cavalleiro jazia por terra, sem ter sequer alentos para chamar com o conto da sua lança. Teria morrido ao desamparo, se a castellã, a piedosa e magnanima duqueza de Almavil não ordenasse á sua gente que recolhesse aquelles tristes despojos da guerra.

Fernando de Camponia, que assim se chamava o cavalleiro ferido, acabava de combater com os mouros limitrophes do castello, e n'um duello singular, pagou com o seu sangue o atrevimento.

A duqueza de Almavil appareceu-lhe como uma estrella; era mais do que a sua salvação; era um mundo de illusões que se lhe deparava.

E a verdade é que estava formosa, com o seu traje branco, coberto de ouro, escoltada por pagens e escudeiros, criados, galgos, falcões e gerifaltes.

O seu cabello era louro, como os raios do sol; a sua tez branca como a neve coalhada nos pincaros da montanha; a sua bocca lembrava os vermelhos horisontes do sol poente; e os seus olhos eram negros como azeviche, por um d'esses admiraveis caprichos da natureza. Tinha mãos de fada e corpo de deusa.

—Por Deus soccorrei-me, balbuciou Fernando de Camponia.

—Senhor cavalleiro—respondeu



MONSENHOR CLÉMENT



a duquesa—ninguem bate á minha porta em nome de Deus, que não seja soccorrido.

—Oh! belleza incomparavel, orgulho do ceu, florão collocado na terra pela divindade, para nos mostrar o paraizo; se és a visão dos meus sonhos, foge; mas se os meus sentidos não mentem, mostrando-me que és mulher, vem, consente que te beije a mão, porque depois não de sobrar-me alentos para morrer.

\*  
\* \* \*

As feridas eram pouco profundas; mais o rendia o cansaço do que os buracos abertos pelas espadas dos mouros; e se cahiu ao pé do castello, foi por haver perdido muito sangue; o coração sobrelevava agora ao desfallecimento physico, e queria viver.

A duquesa inspirara-lhe um amor profundo, uma d'essas paixões em que o homem não reflecte, passando por cima das maiores difficuldades.

Havia-lh'o confessado.

—Obriga-me, D. Sol (assim se chamava a duquesa) a que monte a cavallo e entre por terra de mouros talando campos e matando guerreiros, até que encontre quem me decepe a cabeça; obriga-me a desafiar sem armas as feras do monte e os bandidos que se occultam nas cavernas, e não lamentarei a minha sorte; mas dize que me amas, que o teu coração bate pelo meu, que estás disposta a seguir-me!

A castellã nunca respondia de um modo cathgorico; sorria-se, olhava para o ceu, desfolhava uma flor, ou entrelaçava os seus dedos de marfim nas finissimas rendas do seu vestido, e no entanto o cavalleiro morria de amores.

—Adorar-me-has sempre, Fernando?

—Sempre, eternamente e além da campa, se é possível; mas por Deus ama-me tambem!

—Não posso amar-te; sou casada; meu marido guerreira em ongi quas paragens; seria uma infamia! Condemnar-me-hia!

—Que importa? Se fores para o inferno, deixará de o ser. Onde tu estiveres existirá a felicidade. Além d'isso quem poderá descobrir que me amas?

—Basta que eu o saiba.

E n'aquella noite a duquesa passou o serão resando na capella, beijando o chão e batendo com devoção no peito.

Expiava a tentação.

\*  
\* \* \*

E' mau brincar com o amor. D. Sol enamorou-se de Fernando. O que ao principio foi tolerancia carinhosa, converteu-se a pouco trecho em acariciadora exigencia. Ambos passavam o tempo em dulcissimos colloquios.

Um dia a duquesa fez-lhe uma confissão terrivel. Ella era uma peccadora, mais facil em seguir as asperas sollicitudes da carne, do que as severas austeridades do espirito. Não tivera só um amante. Varios magnates haviam occupado um logar no seu coração; mas cuidára em que essas fraquezas do corpo não deixassem rasto.

Depois de haverem passado uma noite no seu quarto, appareciam afogados ao romper d'alva nas turvas aguas do fosso do castello. Em seguida confessava-se, e por cada amante morto, eregia uma capella. Essas cousas passaram-se na sua juventude, quando o juizo não era completo, e a imaginação desenhava, sorrindo, mil desvarios.

—Eu quizera pagar o teu amor com a vida. Esses nobres e cavalleiros não te amavam mais do que eu—disse Fernando—.

Um só beijo dos teus labios, e eu mesmo me lançaria ao fosso.

—Não quero construir mais egrejas.

—Dize que desejas ver-me enforcado n'uma arvore sem haver gozado a felicidade.

—Amo-te muito para te appetecer só uma noite.

—Ama-me sempre.

—Não! Conheço que no dia seguinte áquelle em que te desse o meu amor, o cansaço, a retina obrigar-me-hiam a dar-te a morte.

—Não importa, mata-me; de qualquer modo o sol nascente ha de encontrar-me hirto e gelado.

O ar estava embalsamado de perfumes, porque a suave brisa saturava-se ao beijar as aromaticas plantas do monte; a lua, como um disco de prata, brilhava no alto; os rouxinoes cantavam endexas de amor, e Fernando passeava de mãos dadas com D. Sol no terraço do castello.

Não se descerravam os labios, mas fallavam os olhos.

.....  
Na manhã seguinte um escudeiro veio participar á duquesa que o cadaver de Fernando fluctuava nas aguas do fosso.

\*  
\* \* \*

A absolvição da duquesa não foi d'esta vez tão facil; para o representante de Christo a vida de um homem valia mais do que uma nova egreja; e considerando o peccado como dos graves que

só o bispo podia perdoar, suspendeu o perdão divino, e com a annuencia da castellã, foi consultar o prelado.

Este, que era o bispo D. Ayres de Campo Sagrado, entendeu que tal peccadora valia a pena de ser confessada por elle e não pelo seu delegado, e convocando as pessoas que era de uso acompanharem-o nas suas visitas á diocese, poz-se a caminho para o castello de Almavil.

Chegou tres dias depois, ao cahir da tarde, quando o campo silencioso denunciava a tregua que davam ao trabalho os servos da gleba.

Do Castello, ao verem alçada a cruz episcopal, desceram a ponte levadiça, formaram na porta os homens de armas e os serviçoes, e até a propria duquesa desceu a escada para receber o prelado.

Assim que este se apeiou da mula, a duquesa beijou-lhe devotamente o anel, e o bispo, maravilhado pela sua extraordinaria belleza, deitou-lhe a benção tremendo de commoção.

Em seguida dirigiram-se para a capella hospedes e castellões, e todos juntos resaram.

D. Ayres pronunciou uma homilia sobre os feios peccados mortaes, recordando com summo tacto a pureza immaculada de Maria e a santa continencia do filho de Deus.

A duquesa, com os olhos cheios de lagrimas, beijava as lousas da capella, com fervor.

D. Ayres vendo-a tão formosa não fallou da Magdalena. Era deixar-lhe entrever cedo de mais o perdão.

Em vez da inexgotavel magnanimidade do Senhor, pintou a sua augusta ira.

Quando passaram ao refeitório, a duquesa chorava ainda.

Nada dura tanto como as lagrimas de uma mulher.

A refeição foi breve, e em seguida começou o serão.

Sentaram-se todos á roda do fogo cuidadosamente alimentado com alguns troncos de arvores abatidas na vespera.

Um trovador errante cantou, acompanhando-se com o laude, algumas trovas de amor. Uma rainha enamorada de um pagem; uma entrevista; uma espada que se enterra n'um peito indefeso, e uma corda que aperta uma garganta no alamo mais alto. Em seguida o ramorso; o nobre feito monge; o monge que chega a abbade; o abbade feito bispo.

D. Ayres interveio: contou o milagre dos pães e dos peixes. Deus com pouco póde fazer muito; um acto de contricção é applaudido e ajudado no ceu. Começa o arrependimento? Deus é o proprio que procura o perdão.

D. Sol olhava para as chammas tristemente, e para se distrahir mandou atear o fogo.

Quando o bispo terminou o seu novo sermão, um escudeiro contou uma historia de duendes e diabos vermelhos, que entravam por toda a parte, sabendo os segredos do castello.

Um d'elles deu parte a Almansor de que uma das portas não estava defendida e por isso a tomou. Desde então existia o costume de benzer a agua do fosso.

O bispo deduziu consequencias d'aquella historia, sem citar textos: é conveniente acreditar que a gente tem sempre o diabo em casa, e proceder bem para o afugentar. A carne é fraca e malvada, é um inimigo; ao menor desejo deve castigar-se. As mortificações são premiadas com a gloria. Elle, bispo, tinha em tanto apreço o ceu, que nem só uma vez havia obedecido á carne.

Acabou-se o serão; resaram ás almas; um velho soldado apagou o fogo e o bispo e a duquesa ficaram silenciosos. D. Sol nunca estivera mais formosa.

—Absolvi-me, padre!—disse a castellã.

—Impossivel! Não posso absolver-vos, olhando para vós.

Bem disse o apostolo que a mulher é fogo que queima quem olha para ella. Amanhã, depois de preparado com o santo sacrificio da missa, ouvir-vos-hei em confissão.

—A vossa mão, para vos beijar o anel!

—Seja, mas ide-vos depressa; o diabo fez-vos muito formosa.

—Padre, quero confessar os meus peccados agora mesmo, rogo-vos!

Resistiu D. Ayres, insistiu a formosa D. Sol, e o bispo cedeu por fim.

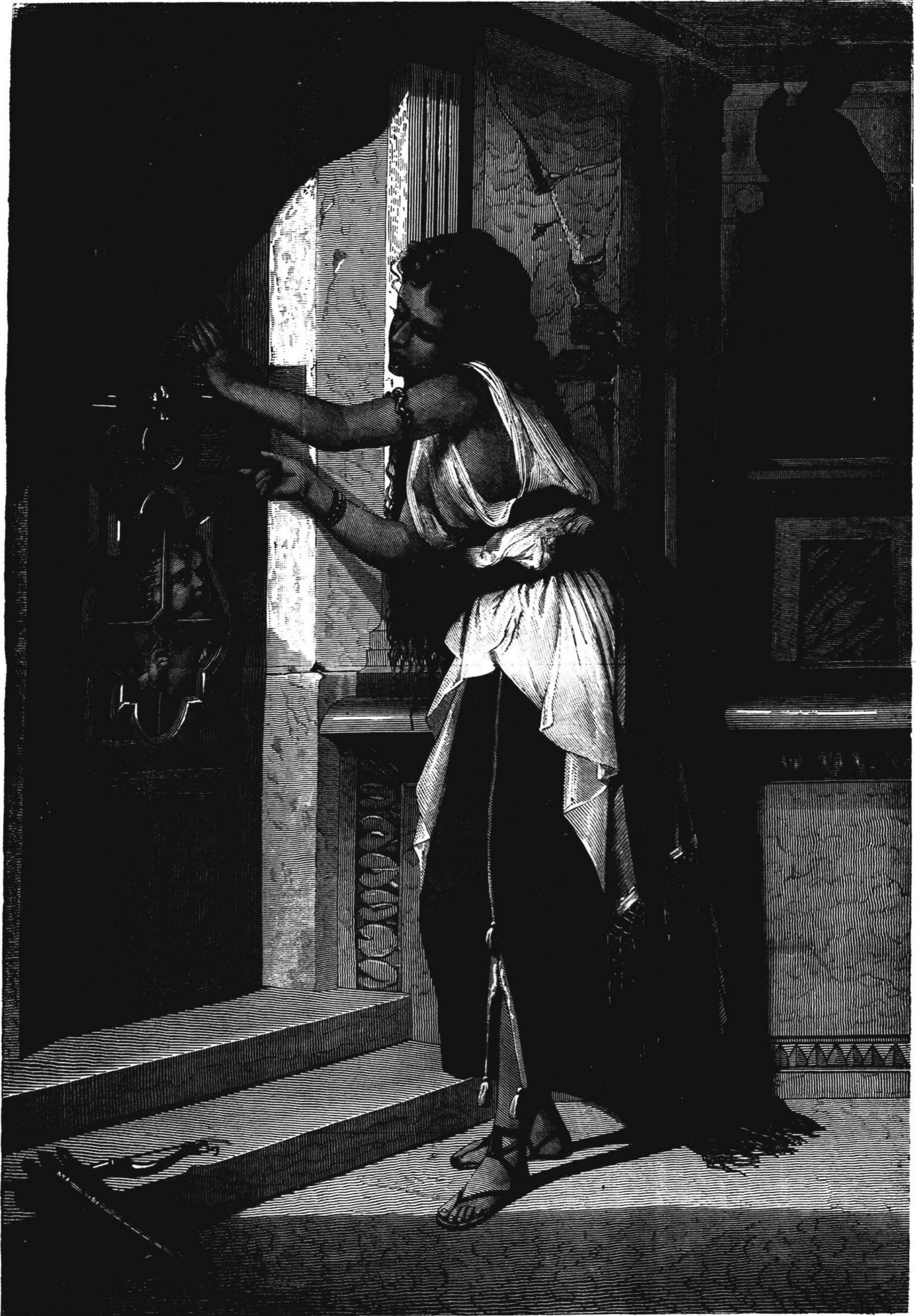
A confissão durou muito tempo. Segundo uma chronica da epocha, já havia cantado o gallo quando D. Sol entrou no seu quarto, acompanhada não se sabe por quem.

.....  
Na manhã seguinte, quando o sol despontava, brilhavam, nas lamacentas aguas do fosso, as vestes episcopaes, que mal encobriam o cadaver de D. Ayres.

\*  
\* \* \*

Um mez depois foram construidas duas egrejas á custa da duquesa de Almavil, a qual, sendo uma verdadeira fera, passou entre o clero d'aquella tempo como a mais virtuosa e santa das castellãs.





O AMOR ENCARCERADO



## FRAGMENTO

(DE UM POEMETO INEDITO)

.....  
 Nas horas de soffrer, nas horas de doença,  
 é a filha quem véla á nossa cabeceira,  
 quem vae, pé ante pé,—solicita enfermeira,—  
 toda cheia d'amor, d'anceios, de cautela,  
 fechar-nos, mansamente, as portas da janella,  
 affirm que a luz do sol, que traz nas azas de ouro  
 os perfumes do bosque, e o deslumbrante côro  
 das aves do jardim, que trinam á porfla  
 junto do lago azul, na ramagem sombria  
 dos olmeiros senis, enormes e copados,  
 não desdobre de leve os alvos cortinados  
 do leito do doente, e, em beijos, de vagar,  
 lhe envolva a fronte axhausta e o faça despertar!  
 E' a filha quem vae, nas horas de agonia,  
 acalmar-nos a dôr, fazer-nos companhia,  
 procurando extinguir o mal que nos tortura!  
 Sentada ao pé de nós, lidando na costura,  
 ella afaga do pae o rosto quasi frio,  
 é toda, toda amor, assim como no estio  
 a abelha em torno á flôr, aonde vae sugar  
 o nectar do seu mel; e, em noites de luar,  
 as phalenas do bosque, em tremulos adejos,  
 em roda dos jasmims, dos lirios, das camélias,  
 onde vão escrever, com letras de mil beijos,  
 os romances d'amor das pallidas Ophelias...  
 .....

.....  
 Filhas do casto amor, creanças divinaes,  
 que tendes, sobre a fronte, as benções celestias  
 dos anjos do Senhor, angelicas boninas  
 que só desabrochaes aos sopros da ventura,  
 como as rosas d'abril, que nascem nas campinas,  
 ao ver a madrugada esplendida de alvura,  
 oh! pombinhas gentis que tendes os pombaes  
 lá na mansão de Deus, occultos nos rosaes  
 das nuvens do sol-posto,  
 que traduzis o amor na luz do vosso rosto,  
 que tendes n'esse olhar um fluido de magia,  
 esse fluido subtil,—celestial condão!—  
 que nos transforma a dôr e o pranto na alegria,  
 que nos dá a ventura, assim como a oração  
 dá a bonança ao nauta,—ao nauta já perdido  
 nas solidões do mar immenso, embravecido!...;  
 almas feitas de luz mais pura que o luar,  
 anjinhos que nasceis sómente para amar,  
 sabeis que a nossa vida, as nossas illusões,  
 se enlaçam no sorrir dos vossos corações!...  
 .....

Coimbra,—1884.

EÇA DE ALMEIDA.

## A SOCIEDADE DE S. PETERSBURGO

CARTA I

## O Imperador da Russia

Emquanto o imperador Guilherme da Allemanha procura os individuos com os quaes pôde conversar seriamente, qualquer que seja a sua posição social, seu sobrinho limita-se a receber todos os dias um grande numero de pessoas, que nem mesmo interroga.

Discute raras vezes, e só com os que admite na sua mais completa intimidade.

Esse systema de reservar tudo para si e de gastar as forças mentaes em occupações minuciosas, provém, simultaneamente, da natural timidez, inseparavel do caracter de Alexandre III, e da consciencia do seu poder supremo.

O aspecto do imperador define á primeira vista o que eu tento exprimir.

Quando o vemos em uma sala, impressiona-nos profundamente o seu olhar, onde transluz a doçura, alliada á severidade.

O imperador sabe ser amavel e deseja parecel-o, sem todavia abstrair da reserva que lhe é peculiar.

A sociedade enfastia-o, ignora os meios de a utilizar, mas deseja dominal-a.

Alexandre III é homem dotado de um juizo sagaz e nitido, de um patriotismo sincero e convicto; nunca, por caso algum, o imperador comprometterá o destino do paiz a que preside.

A sua extrema dignidade saberá salvaguardar a honra nacional; o monarcha não caminhará nunca ao encontro dos seus inimigos, nem fará concessões ao orgulho dos outros.

Na questãõ da fronteira afghana, o imperador testemunhou uma firmeza, que surpreendeu tanto mais quanto ninguem a esperava. Declararia a guerra, se lhe parecesse necessaria, e a Rus-

sia bater-se-hia, logo que o imperador se convencesse de que os seus interesses assim o exigiam.

Escolherá, porém, o momento opportuno, e em seguida não desaproveitará o fructo das suas victorias, nem mesmo perante as exigencias da Europa.

A influencia allemã pésa sobre o imperador; detestando-a, embora, o monarcha comprehende a impossibilidade de subtrahir-se a esse jugo, pelo menos em vida de seu tio.

Logo que Guilherme I fechê os olhos, as cousas mudarão de aspecto, como já mudaram no espirito de Alexandre III.

As entrevistas dos soberanos, são expedientes impostos pela necessidade de certas convenções de mera delicadeza, e exigidos em virtude das relações inevitaveis entre as fronteiras coroadas.

Actualmente, a Russia mantem-se na expectativa silenciosa.

Quando ella ferir os seus inimigos, ver-se-ha o ephemero valor ligado por essa nação aos compromissos contraídos durante as entrevistas dos monarchas, entrevistas supportadas, mas nunca solicitadas por Alexandre III, e que o soberano admite, só porque ellas se lhe afiguram uma base para a elevação do imperio.

Em resumo, Alexandre III, homem exemplar em tudo que diz respeito á vida privada, bom esposo, excellente pai, amigo affectuoso e delicado, não é menos digno de respeito na qualidade de imperante.

Sem possuir nenhuma das qualidades innatas para a representação d'esse papel, basta entretanto o amor que lhe inspira a sua patria, para servir de caução a qualquer imprudencia que possesse prejudicial-a.

O seu reinado não será assignalado por nenhuma das importantes reformas, indispensaveis ao deficiente regimen interno do paiz; mas é possivel que esse reinado seja o ponto de partida de uma nova influencia da Russia no estrangeiro.

Alexandre III será um dia julgado, não talvez sob o ponto de vista de um soberano habil, mas sim de um monarcha sensato.

Fallaref ainda da sua iniciativa na marcha do governo, da responsabilidade que lhe pertence em certas decisões, da parte, enfim, que o imperador tem no trabalho dos seus ministros. Por agora, limitei-me a esboçar, de relance, o perfil de Alexandre III.

Tentei, sobre tudo, destruir certas prevenções que existem em relação á intelligencia do imperador, e demonstrar o que os seus inimigos negam obstinadamente, isto é as suas capacidades como soberano.

Em compensação, o caracter do monarcha não é tão bom como em geral se pensa.

Alexandre III é arrebatado, violento; as pessoas que o rodeiam soffrem, não raro, as consequencias d'essas terriveis crises.

A imperatriz soffre-as tambem, mas nem por isso se altera a perfeita união que reina entre os dois esposos.

CONDE PAULO VASILI.

## SOROR ANNA

Corria serenamente o anno de 1810 na formosissima ilha de S. Miguel. O viver de certo modo cortado de incertezas e receios no continente do reino, não se reflectia n'aquelles vergeis. A vida ali era um encanto.

As naus vindas do Brazil, comboiando navios mercantes para a Europa, passavam n'aquella latitude, lançando uma nota alegre e ruidosa. Navios mercantes inglezes faziam exclusivamente o commercio, e por isso os vazos de guerra da mesma nacionalidade sportavam com frequencia ás ilhas.

Os requintes modernos da civilisação, eram então absolutamente desconhecidos. Nem um theatro publico, nem um café, nem um restaurant, nem um club. Ter-se-ia como coisa de perdição, semelhante novidade.

O club, o theatro, o café, existiam em embryão na grade dos conventos femininos. Todos os dias de tarde, iam fazer a grade velhos e moços, e a officialidade dos navios estrangeiros. Era o unico passatempo, intermeado com excursões aos pontos pittorescos da ilha.

Não se pense, porém, que o convento tinha o tom severo e desolado d'hoje. Não. O convento era uma casa alegre, cheia de attractivos e de confortos, muitas vezes de opulencia; abrigando entre ferros doirados a flor da aristocracia de sangue e de dinheiro, sacrificada em proveito do morgadio.

Poucas freiras eram por sua vontade enclausuradas, e por isso mais de um escandalo vinha por vezes deixar, na mesologia d'aquella epoca, o quid caracteristico do egoismo selvagem dos paes.

O anno em que se passa este pequeno conto, tinha sido notavel pelo numero de jovens professoras, contra sua vontade; todas



filhas de familias ricas. D'uma se conta, particularmente notavel pela sua formosura e que ficou conhecida na historia da terra pelo nome de soror Anna. O pae, proprietario abastado, tendo só filha e filho, não querendo por sua morte dividida a casa, e desejando pelo contrario que fosse transmittida ao morgado, mais augmentada, planeou metter a filha no convento de S. João, ficando o filho unico senhor e representante futuro de sua casa.

A joven, que tinha herdado com o sangue paterno a tenacidade de caracter, oppoz uma resistencia desesperada; mas o soberbo auctor dos seus dias quiz; e n'aquelle tempo o poder do chefe de familia era limitado na razão directa da grande ignorancia da mulher.

Entrou pois na clausura a pequena, e n'ella se conservou noviça, dois annos, agarrando-se ao mais subtil pretexto para não pronunciar os votos.

O pae impacientava-se e decidiu afinal o dia em que ella devia professar.

Grande acontecimento.

Os sinos, desde pela manhã do solemne dia, repicavam alegres as modinhas do tempo, tangidos epilepticamente pelos alentados ascendentes dos sacristas d'hoje.

Dentro no templo, os arcos das capellas desappareciam sob turmas de camellas brancas e vermelhas. Os altares vinham abaixo com o peso dos massiços castiçoes de prata lavrada e a profusão de jarras de flores. Sanefas de velludo *grenat* e damasco da mesma cor, franjadas d'ouro, reluziam. O chão da igreja vestia-se de um tapete d'ervas aromaticas.

O clero da cidade, em peso, tamborilando nas caixas de rapé, desfaldava solememente os vastos lenços d'Alcobaça. No coro do orgão, um instrumental de primeira ordem. Um grupo dos melhores contraltos, dos mais suaves tenores, dos mais sonoros barrytonos, dos mais profundos baixos.

Ao fundo, em frente da capella mór, a alta gradaria verde e oiro, do côro das freiras que se agitavam por detraz dos varões, envoltas nos seus mantos negros.

Na capella mór um apparatus desusado. Sobre a alcatifa vermelha, corriam duas filas de cadeiras de pregaria doirada, com o assento estofado de velludo carmezim. Sentados n'ellas, com toda a gravidade, os convidados, amigos intimos e parentes da futura freira, e á frente de todos, arrogante, o feroz morgado X... , pae da noviça, ostentando a sua casaca e collete de seda da India, calção e meia, sapato de fivela de prata e espadim reluzente. O chapeo armado, debaixo do braço.

\* \* \*

No momento em que os padres, revestidos, saiam da sacristia e principiava em toda a igreja esse borborinho significativo da multidão que se ajusta, se remexe, se assoa e tosse, predispondo-se para não perder uma nota da musica, um só gesto dos celebrantes, e quando todos os rostos se voltavam para o côro das freiras, ao rumor que ellas faziam, approximando-se da grade, viu-se repentinamente uma joven, vestida de branco, destacar-se resolutamente de um grupo, assomar ás grades e dirigir-se ao povo em altas vozes, dizendo:

—Saibam todos que não quero professar: obrigam-me a isso!

Imagina-se facilmente o espanto que se apoderou do publico. No meio de um silencio sepulcral, durante o qual poderia ouvir-se cortar o ar as azas de uma mosca, o terrivel morgado X... ergueu-se da sua cadeira, com o rosto demudado; mas solemne, grave, correcto, com uma profunda ruga entre as sobrancelhas e os cabellos brancos, duros, quasi eriçados. Desceu com passo firme pela coxia central da igreja, e parando a meio d'ella, voltado para o côro, disse com voz firme á filha, que pedisse licença á sr.<sup>a</sup> abbadessa para chegar ao parlatorio a fallar com elle. Em seguida saiu do templo, e sem pensar em pôr o chapeo na cabeça, costeou o longo muro exterior do convento até entrar na portaria, toda enramada e florida, e subiu ao segundo andar.

A filha, uma alta e esbelta rapariga, branca de cera pela commoção, já ali o aguardava, amparando-se ás grades do parlatorio para não cair redondamente desfallecida.

O olhar que o feroz morgado lhe lançou, foi medonho. Apenas entrou, fechou a porta da entrada e desembainhando a folha luzente e acerada do espadim, bradou com uma voz de trovão em que havia todas as tempestades da colera, todas as ameaças do Dante, toda a energia de Shakspeare:

—Tu não professas? Estás no teu direito. Mas, juro-te por estes cabellos brancos, que hoje mesmo vaes para casa; lá, entrego-te este ferro no peito e suicido-me depois. Vergonha por vergonha, antes isto! E agora... amaldiçoada sejas, por toda a eternidade!...

A pobre noviça, aterrada, exclamou convulsivamente:

—Professor!... Mas tambem lhe juro que será por pouco tempo.

—Como quizeres, respondeu seccamente o pae, e saiu do parlatorio, ao mesmo tempo que a filha desapparecia por outra porta.

Momentos depois, retomavam, pae e filha, os seus respectivos logares na igreja e no coro, e a cerimonia corria sem ne-

nhum outro incidente, cumprindo a joven á risca a sua promessa no acto de prestar juramento, em como professava *por sua livre vontade*.

\* \* \*

Havia decorrido um anno. Soror Anna parecia ter-se conformado com a sua sorte, tão serena se mostrava no cumprimento dos seus deveres de esposa de Christo.

Um dia aportou á ilha uma bella corveta da marinha de guerra britannica, e os officiaes, apenas saltaram em terra, foram, como era uso, visitar as freiras.

Os officiaes inglezes, alegres e instruidos, captivaram logo todas as pessoas gradas da cidade que se achavam no parlatorio e todas as freiras e noviças, ás quaes a lingua ingleza, muito diffundida nos Açores, era familiar. Sobre todos, o commandante da corveta, que era um gentil official muito novo, conquistou as sympathias geraes. Mas a quem impressionou de véras foi a soror Anna. Tambem não passou desapercibida ao joven official a notavel formosura da freira, a sua mocidade e a sua finissima instrucção.

Continuaram as visitas dos officiaes, com grande admiração de todos, depois do navio estar já repleto d'aguada e viveres, e nada ter que fazer no porto. Mas ao commandante custava lhe despegar-se. Todavia, era forçoso partir. Uma bella tarde, soror Anna offereceu ao commandante uns doces especiaes feitos por ella. Iam n'uma salva de crystal e em cima de um guardanapo dobrado, muito franjado.

Diante de todas as freiras foi passada a salva, atravez da grade. O commandante afastou-se com a salva para offerecer aos outros officiaes, e n'esta evolução conseguiu introduzir entre as dobras do guardanapo uma finissima lima, passando em seguida o prato novamente á freira.

Dois dias depois, o brilhante official, rodeado de todos os seus collegas, foi despedir-se ao convento, annunciando a sua partida para a manhã do dia seguinte.

A's 11 horas da noite d'esse mesmo dia, um escaler largava de bordo da corveta, tripulado por 12 robustos marinheiros e um official armado até aos dentes. Saltaram em terra, deixaram um homem no bote e encaminharam-se rapidamente pelas ruas immersas em profunda escuridão, até uma travessa para onde dava a trazeira do convento. Um muro muito alto, com janellas de grades de ferro. Uma d'essas janellas era a cella de soror Anna e distava do chão 10 metros.

Os marinheiros inglezes, descalços para evitar o ruido, pararam em frente da janella, e o official, que não era outro senão o commandante da corveta, soltou um assobio prolongado. Immediatamente sentiu-se no alto do muro um tenue rumor de ferros e uma voz de mulher perguntou correctamente em inglez:

—Who is there?

—My dear!... respondeu o official, e accrescentou, sempre em inglez:

—Está prompta, miss?

—Estou.

—Precipite-se sem receio. Estamos promptos para amparal-a.

E os marinheiros desdobraram um pedaço de lona e esticaram-no fortemente nas mãos, em sentido perpendicular á janella. Concluida esta operação, o official gritou para cima:

—Agora.

No mesmo momento a freira baldeou-se, é esta a expressão propria, caindo em cheio na lona. O choque foi tão violento que alguns marinheiros ajoelharam. Soror Anna não se magoou e apenas ficou estonteada. Poz-se porém em pé na rua e accetando o braço que lhe offerecia o commandante, afastou-se velozmente na direcção da praia, seguida dos marinheiros.

Na manhã seguinte, quando se espalhou na cidade a noticia da audaciosa fuga da freira e que as auctoridades, freneticas d'indignação, rabiscavam officio sobre officio, echoou subito nos ares uma salva real de 21 tiros, e a garbosa corveta saiu do porto, velas enfunadas e o arrogante pavilhão inglez desfaldado ao vento.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

O CONSELHEIRO JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS OLIVEIRA

Apagou-se, enfim, esta existencia atribulada, se é que não se havia já completamente apagado, quando a fatalidade a encerrara n'um hospital de doidos.

Do politico illustre e do jornalista brilhante embora violento por vezes, ha muito que não restava senão um cadaver, uma pou-





SERPA PINTO NOS DESFILADEIROS DO DRAKENSBERG



ca de materia inerte sem as scintillações da intelligencia nem os primores da palavra colorida e audaciosa.

Durante mais de dois annos passou Freitas Oliveira por todas as phases da terrivel doença que d'elle se apossára, agora furioso, logo tranquillo, mas deixando-se levar pelas suspeitas d'uma imaginação desvairada, e sempre dominado pela politica, que fôra a estrella funesta de toda a sua vida.

Haverá dois mezes, o director do hospital de Rilhafoles permittiu que o misero enfermo—já uma sombra de si mesmo—sahisse d'aquelle triste estabelecimento e fosse acolher-se á sombra dos affectos da familia.

Foi entre o pae, a esposa e os filhos que Freitas Oliveira morreu. No meio da sua enorme desventura, Deus concedeu-lhe essa felicidade, dando ao seu espirito entenebrecido alguns momentos de lucidez para poder comprehendel-a e apreciar-a.

#### PETKO KARAVELOFF, DRAGAN ZANKOFF E O BISPO CLÉMENT

Figuraram todos tres nos ultimos acontecimentos da Bulgaria, representando n'elles papeis importantissimos.

Dragan Zankoff—o chefe do partido russo na Bulgaria—fôra preso em Vratza, depois do golpe d'Estado de 1881. Desde então, os seus ressentimentos contra o principe Alexandre não se apagaram, embora o vissemos ainda fazer parte de muitos gabinetes em Sofia.

Quando as tendencias de Karaveloff se manifestaram abertamente contra a politica da Russia, Zankoff poz-se á frente do partido russo, e foi n'esta qualidade que entendeu dever pôr termo áquella politica,—que reputava nefasta para os interesses da Bulgaria,—forçando o principe Alexandre a abdicar.

Karaveloff exerceu na Russia a profissão de mestre-escola, antes da guerra turco-russa. E' um homem de 42 annos de idade, magro, doente, sombrio, mas dotado de uma força de vontade extraordinaria.

Tem sido muitas vezes presidente do conselho de ministros na Bulgaria, onde representa o partido independente, chamado o partido *dos velhos*.

Foi a politica de Karaveloff que arrastou Alexandre á perda do throno.

O bispo Clément Branitsky, collocado á testa do governo ephemero que se constituiu depois do ultimo golpe de estado na Bulgaria, é um dos membros mais notaveis do clero bulgaro.

Nomeado bispo de Preslav pouco tempo antes da guerra russo-turca, coube-lhe a presidencia do ministerio que em 1879 succedeu ao primeiro gabinete bulgaro, o qual tinha á sua frente Bournoff e Marco Balabanoff.

Monsenhor Clément é um homem de elevada estatura, muito erudito, e conta apenas 45 annos de idade.

#### O AMOR ENCARCERADO

Encarcerou o tyranno, e julga-se em segurança! Pobre louca, que tão mal lhe conhece os ardis!

Prendeu o amor; prendeu-o, obrigando-o a depor as armas. O arco inexoravel, o carcaz pejado de settas estão inertes a seus pés; o pequeno despota está desarmado na sua prisão, e olha com um olhar surpreso e supplicante para a sua formosa carcereira, de quem implora a misericordia, que, solto o desleal, não terá para com ella! São victorias ephemeras, estas que uma mulher joven e encantadora obtem do tyranno dos corações!

Aquelles braços, de voluptuosas formas arredondadas, não terão forças para sustener a porta da cadeia, onde o amor jaz prisioneiro; aquellas mãos brincam apenas descuidosas com o ferrolho que segura a entrada do carcere; e emquanto a esquerda ainda ampara e apoia a porta, a direita como que já se dispõe a desfazer a travessura e a correr de novo a lingueta de ferro que retém seguro o enclausurado.

Reparem bem!

Ella vae abrir a prisão; vae dar a liberdade ao captivo; que nunca foi a donzella formosa a melhor carcereira do amor!

E d'ahi, quem sabe? talvez fosse o frio egoismo de um homem insensivel que effectuasse a prisão, e que a formosissima creança seja apenas a libertadora.

Vae soltar o seu algoz, a innocente. Conhece-lhe o rosto formoso e supplicante, commove-se pela anciedade que elle mostra ao vér-se captivo e inerme; não lhe sabe a indole refalsada, ignora que a gratidão por tanta generosidade será infligir-lhe os tormentos que se escondem n'essas frechas, de que em breve se vae tornar senhor, e de que não poupará uma para feril-a no coração, para lhe trocar a sua ditosa desjuicância dos annos juvenis, pelas

angustias e pelas dôres, que são companheiras dos ineffaveis encantamentos de um primeiro e ardente affecto!

#### SERPA PINTO NÓS DESFILADEIROS DO DRAKENSBERG

A nossa gravura representa um episodio da viagem do explorador Serpa Pinto ás plagas africanas, narrado no seu interessante livro—*Como eu atravessei a Africa*.

A' volta para Portugal, sahindo de Heidelberg, o ousado explorador teve de atravessar os desfiladeiros do Drakensberg n'um carro puxado a quatro soltas e guiado por um cocheiro mulato.

Eis como elle proprio descreve aquella perigosa travessia:

«Não se pôde fazer muito idéa do que seja viajar por montes e valles, sem caminho nem carreira, em um *dog-cart* puxado a quatro soltas.

Ao entrarmos nos desvios da serra, uma temerosa tempestade cahiu sobre nós, e uma chuva copiosa alagou a terra e o carro. Veio a noite, e uma noite medonha. Os relampagos allumiam as trevas para as tornar mais negras e densas.

Só a miuta pratica do cocheiro podia guiar o carro por aquelles alcantis n'um correr desenfreado.

De vez em quando, uma cova, uma rocha, um precipicio, era nas trevas mais adivinhado do que visto, e um sonoro *All fast* (todos firmes) pronunciado pelo cocheiro, punha-nos de prevenção.

E a chuva a cahir, o trovão e o relampago a espantar os cavallos, e aquelle carro sempre a correr nas vertentes este da alta cordilheira. Tinha alguma coisa de phantastico o quadro, e se tivesse sido visto por outros que não nós, deveria causar-lhes impressão profunda.»

#### A EGREJA DO SANTO SEPULCHRO

A nossa estampa representa a igreja do Santo Sepulchro em Jerusalem.

A sua construcção, na maior parte, é moderna, pois foi levada a effeito, em substituição da igreja antiga, em 1808.

A fachada principal, cuja reproducção damos hoje, está exposta ao meio dia e os seus ornamentos são riquissimos de lavor.

Dois portaes sobrepujados de janellas ogivaeas, com columnas de marmore, proveniente, segundo todas as probabilidades, de algum templo antigo, um architrave esculpido e ricamente ornado, taes são as peças de architectura d'esta fachada, que saltam logo á vista.

Sobre o portal da esquerda vêem-se alguns baixos relevos representando scenas da Biblia, e sobre o da direita folhagens, flores e fructos esculpidas na pedra, completam a parte decorativa, assaz disparatada, mas bastante curiosa d'esta igreja, que é, para assim dizer, o centro das peregrinações universaes que se dirigem todos os annos á Terra Santa.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

NOVISSIMAS

Este vestido suspende esta raiz—2—1.  
Aqui este homem é animal—1—2.  
No alphabeto e no corpo é vegetal—1—2.  
Observei este homem e este animal—1—2.

Leiria

JOSÉ DE SOUSA BENTO JUNIOR.

Este tecido, aqui e na musica, fórma uma tribu—1—1—1.  
Aqui, este amphibio é um canhão antigo—1—2.  
Este appellido, na musica, é um parente—2—1.

Lisboa

S. C.

### EM VERSO

Não levem a mal  
(Pois bem não parece)  
Que eu esta comece  
Por um animal.—1

E por tal signal,  
Fiquem já sabendo,



Segundo eu entendo  
D'Asia é natural.—1

Mas, em conclusão,  
Se procuram bem  
Já digo 'inda tem  
Certa interjeição.—1

O mais perspicaz  
Esta não decifra;  
Conhece-lhe a cifra  
Só cá o rapaz.

MATHEUS JUNIOR.

A primeira não é Marte,  
Nem mesmo pode ser Dante;  
De Samsão é uma parte  
E parte bem importante.—1

A segunda é de animal  
Extraído com certeza,  
E certa especialidade  
D'uma terra portugueza.—2

O conceito... está bem claro;  
Não deveria ser dado;  
Mas enfim... entre appellidos  
Poderá ser encontrado.

MYSTERIOSA

### Logogriphe

(Em acrostico)

Ao ver-te o porte altivo, ao d'uma Deusa igual—8, 10, 11, 7, 11  
Oh lubrica mulher, e te mirava serio—10, 9, 10, 11  
Quando outro te dizia um dito jovial—3, 10, 11, 8, 10  
E eu julgava achar em ti qualquer mysterio;—11, 9, 5, 11, 7, 4

Ao ver, então, depois lançar's-te ao tremedal,—5, 4, 11, 9, 5, 6  
Em que espalhaste o teu veneno deleterio,—1, 2, 8, 9, 11  
Para mais tarde ir's ter ao catre do hospital—11, 5, 4, 11, 5, 11, 8, 11  
D'onde te levará a morte ao cemiterio,—3, 11, 9, 5, 11

Eu fico muito triste e choro essa desdita,  
Que transformou de ti, tão loura e tão bonita,  
Uma mulher sem fé, sem crença e sem pureza!

Mas quando me recorda, oh louca prostituida,  
Que foste tu quem quiz essa misera vida  
Então... rio-me de ti e da minha tristeza!...

Castello Branco.

A. MERUJE.

### Adivinha popular

Posso ser dama formosa,  
E tambem velhota horrenda;  
Posso ser tambem um homem,  
E' bem que isto aqui se entenda.  
Tambem posso ser de ferro,  
Até rio posso ser;  
Direi mais: até tu podes  
Meu todo, á meza, comer.

Lisboa.

A. A. PINTO.

### Problema

Distribuiram-se 144 nozes por 7 creanças, dando metade das nozes aos rapazes, e metade ás raparigas; e procedendo assim, cada uma d'estas recebe 6 nozes mais que cada um dos rapazes. Quantos são os rapazes e quantas as raparigas?

MORAES D'ALMEIDA.

### Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS.—Paulo—Girasol—Gaiola—Febo—Vianna—Ardor.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Entretenimento—Mogiganga.

DA CHARADA EM TRIANGULO:—

H o r a c i o  
o v i d i o  
r i f a o  
a d a d  
c i o  
i o  
o

DO LOGOGRIPO:—Amsterdam.

DO ENIGMA:—Araguagua.

### A RIR

Uma senhora foi queixar-se á policia, de que um gatuno lhe roubára o relógio.

—Então, como foi isso? perguntou a auctoridade.

—Eu ia n'um carro americano; elle assentou-se ao pé de mim: d'ahi a pouco senti a sua mão apertar-me a cintura...

—E gritou?

—Não, senhor; n'essa occasião não gritei, porque parecia que elle estava fazendo aquillo com boas intenções...

Entre dois deputados:

—E' um grande orador o nosso collega A...!

—Será, mas não sabe o portuguez.

—E o que tem isso? Cicero tambem não sabia uma palavra de portuguez, e comtudo foi um grande tribuno!

### UM CONSELHO POR SEMANA

#### MODO DE CONSERVAR OS FRUCTOS

Coelhem-se os fructos, não muito maduros, e separam-se os que estejam tocados ou tenham pisaduras. Mergulham-se os pés dos fructos em lacre, dissolvido em espirito de vinho a banho maria, e collocam-se, assim preparados, em um armario muito secco.

Os cachos de uvas preparados d'esta forma conservam-se por muito tempo.

### UM BAPTISMO CHYNGALEZ

No jardim das Plantas de Paris, está actualmente uma colonia de chyngalezes, naturaes da ilha de Ceylão, e composta de 70 individuos, cujos usos e costumes tem sido assumpto de cuidadosos estudos por parte dos anthropologistas, polyglotas e naturalistas d'aquella capital.

Na semana finda, uma das mulheres da tribu deu á luz um pequeno chyngalez, que foi inscripto na *mairie* de Neuilly, como filho legitimo de Cornelis Dias e Immaduwehewage, sendo baptisado segundo os ritos da religião de Bouddha.

Piratinou-Ounangi e Gounaratanou-Ounangi, os dois padres que os parisienses podem ver constantemente postados um de cada lado da estatua de Bouddha á porta do pequeno templo da cavana, immoveis e silenciosos nos seus longos mantos amarellos, e com as cabeças completamente rapadas, cingidas por um turbante multicolor, tiraram o horoscopo do joven chyngalez, que parece ter nascido sob a influencia d'uma estrella propicia, e predisseram-lhe uma longa velhice e uma numerosa familia, felicidades estas que entre os povos civilisados são consideradas as maiores das desventuras.

Cincoenta mil parisienses assistiram á cerimonia publica d'este baptisado bouddhista em pleno Paris, a dois passos da Maison Doré e do Foyer da Opera, onde tantos elegantes do bom tom tem recebido o baptisado da dissipação, administrado pelas mãos brancas e labios vermelhos das mais celebres estrellas da arte coreographica.

E' impossivel que o pé monstruoso de Bouddha, cujas dimensões se vêam n'um dos montes sagrados da India, não desse n'es-



ta occasião patada monumental na crosta terraquia, indignado pelo sacrilegio, originando assim a repetição dos abalos que se teem sentido em todo o littoral dos Estados-Unidos.

Vejamos porem as ceremonias d'este baptismo, sobre o qual se fitavam 100:000 olhos avidos de sensação e curiosos de transmittirem ao cerebro um d'aquelles espectaculos que elles imaginaram sempre desconhecer.

No meio do acampamento dos chyngalezes, as cadeiras dos padres e um assento reservado para o chefe da tribu, haviam sido collocados sobre um estrado atapetado, no qual se ostentavam dois vasos de bronze onde ardiam os mais exquisitos perfumes.

Dois chyngalezes, em attitude de sentinellas, guardando a tenda do general em dia de batalha, rufaram n'um tambor indigena apenas soou a hora fixada para a cerimonia. Então todos os chyngalezes sahiram das suas palhoças e se dirigiram para o peque-

O cortejo assim composto, dirigiu-se a casa da joven mãe, que sahio a recebê-lo, acompanhada de toda a sua familia e sustentando nos braços a creança, á qual foi dado o nome de «Paris.»

Na mesma ordem voltaram todos ao acampamento, que se achava disposto da forma como acima descrevemos.

Os padres tomaram logar nas suas cadeiras, diante d'elles a mãe e seu filho, e em torno toda a *troupe* de chyngalezes, homens, mulheres, creanças e animaes. A um signal do mais velho dos sacerdotes todos os chyngalezes se prostraram por terra, e ergueram-se pouco depois, entoando uma especie de melopéa grave e lenta, acompanhada pelos cymbales e tamborins.

Durante esta cerimonia as mulheres lançavam flores sobre a creança.

Depois de uma segunda oração, a cerimonia terminou, os canticos cessaram pouco a pouco, por numero, até á ultima palavra ser entoada por um só cantor, e toda a tribu desfilou diante do baptisado, que os elephantes saudavam com a tromba.

O cortejo reuniu-se de novo, e acompanhou Immaduw-tewage, sua mulher e filho a casa, onde um grande numero de parisienses tinham obtido licença para penetrar, levando todos presentes e mimos ao bom e ditoso casal chyngalez. A cerimonia estranha e ao mesmo tempo grandiosa entusiasmou os espiritos parisienses, propensos como são, por temperamento e character, a tudo quanto seja original, romantico e fóra dos usos e costumes do seu paiz.

As alegres raparigas dos boulevards tinham lagrimas nos seus formosos olhos azues, quando as mulheres lançaram sobre o pequenino chyngalez punhados de flores desfolhadas.

A's tres horas estava terminado o baptismo propriamente dito.

N'esse dia, os exercicios que costumam executar todas as tardes os alegres chyngalezes, tiveram um brilho e animação desusados. A's sete horas ainda havia no jardim das Plantas uma multidão enorme para admirar uma corrida de zebras.

Os chyngalezes são affaveis, animados, alegres e muito communicativos, e o seu idioma, chamado *élu*, não tem nenhum outro a que se assimilhe ou possa comparar-se. Habitam a costa de Coromandel e são polygamos, alimentando-se de carne de todo e qualquer mamifero, reptil ou mollusco, temperada com raizes selvagens e acres.

As mulheres são elegantissimas, possuindo pés e mãos pequeninos, cabellos negros e abundantes, seios erectos e mimosos, e a sua pelle é d'uma côr de café torrado, muito macia e brilhante.

O seu luxo reside nas bellezas e opulencias do pente de tartaruga, com que prendem, em forma de diadema, a farta cabelleira negra.

São dolichocephalos, e as mulheres levemente prognathicas.

Inimigos de rixas e baralhas, vivem n'uma doce paz octaviana, sem zelos, invejas nem ressentimentos, apesar de muitas vezes uma mulher possuir cinco e seis maridos legitimos!

Estes, que estão em Paris, custam uma somma importante, pois são 37 homens e 13 mulheres, além de elephantes,

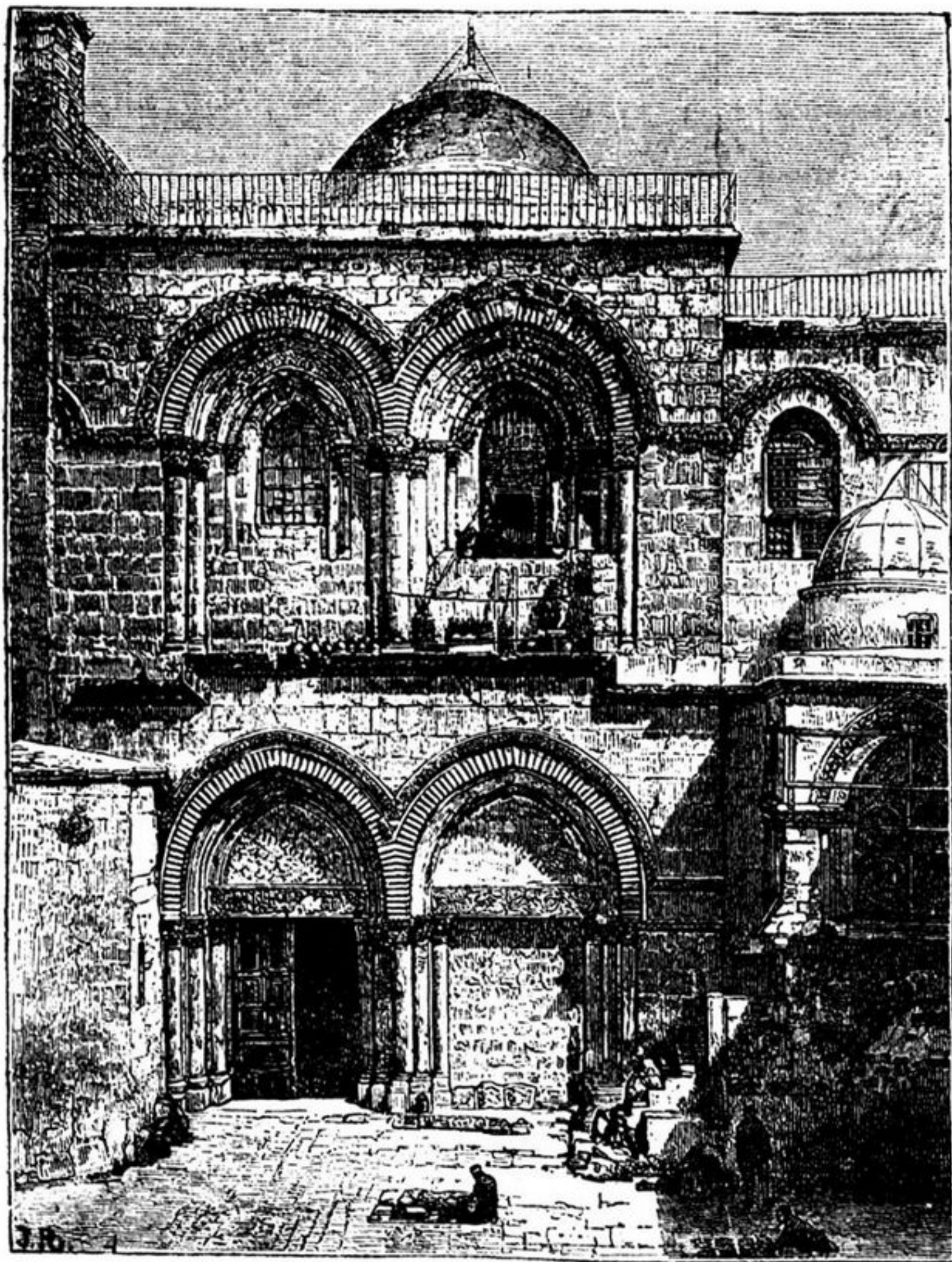
zebras e outros animaes; mas o publico parisiense tem correspondido galhardamente aos sacrificios e despezas em que importa esta colonia extraordinaria, que a poucos europeus é dado admirar no seu paiz natal.

O clima de Paris deve porém prejudicial-os bastante. A 32 graos centigrados não sentem o menor incommodo de calor; imagine-se o que soffrerão nos dias em que o thermometro desce a zero, e as creanças constroem, nos boulevards, bonecos feitos com a neve das ruas!

A direcção do jardim pensa agora em adquirir uma tribu de esquimaus, com os seus competentes cães e rangiferos.

Grande cidade, Paris!

ALFREDO GALLIS.



A EGREJA DO SANTO SEPULCHRO

no templo de Bouddha, onde depois de algumas orações, partiram procissionalmente a buscar o neophyto.

Na frente marchavam os tocadores de tamborim e flauta, depois os padres assentados n'um palanquim conduzido por jovens chyngalezes, e immediatamente o elephante sagrado conduzindo o cofre que encerrava o dente do grande Calkyamoni-Bouddha.

Em torno d'esta sagrada reliquia caminhavam varias donzellas sustentando á cabeça toalhas cheias de flores desfolhadas.

Seguiam-se doze elephantes ricamente ajaezados, e por grupos, todos os chyngalezes, da colonia dansando á força de contorsões medonhas os passos mais gymnasticos e ultra coreographicos, que pozeram a uma banda e deixaram envergonhados todos os celeberrimos cancanistas parisienses dos dois sexos, que assistiam á cerimonia. A mais curiosa e comica de todas as danças era a chamada *dança dos diabos*, que tem por fim afastar os espiritos do mal, o dente de Bouddha, e em geral de todas as reliquias pelas quaes os chyngalezes teem grande veneração.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica